

## ECONOMIA

# Aumentam os medos de recessão depois de Jackson Hole

A inflação na zona euro voltou a subir em agosto, colocando maior pressão no BCE para agir e recuperar algum do terreno perdido para a Fed, que sinalizou a sua predisposição para comprometer o crescimento em detrimento de um maior controlo sobre a pressão nos preços

João Barros  
geral@novo.lapanews.pt

O simpósio anual da Reserva Federal dos Estados Unidos da América (Fed) em Jackson Hole, no Wyoming, revelou-se um palco para discursos bastante hawkish (indicando uma postura mais agressiva nos mercados) tanto pelos oficiais norte-americanos, como europeus quanto à evolução dos juros no curto prazo, para combater a inflação.

Jerome Powell, presidente da Fed, sublinhou repetidas vezes o

peso da subida de preços na economia e lembrou os custos que o seu combate terá, deixando os mercados a antecipar mais subidas expressivas nas próximas reuniões de política monetária. Depois do encontro da semana passada, o mercado passou a atribuir uma maior probabilidade à hipótese de 75 pontos base (pb) de incremento, por oposição aos 50 pb praticamente já garantidos.

De seguida, foi Isabel Schnabel, membro do Conselho Executivo do Banco Central Europeu (BCE), quem admitiu que os bancos centrais haviam sido lentos na identificação e abordagem ao pro-

“Produzir declarações que forneçam qualquer tipo de ambiguidade aos mercados acerca da sua determinação em voltar a trazer a inflação aos 2% seria um ‘tiro no pé’”, refere Pedro Brinca

blema. Exige-se, portanto, uma resposta “forte”, mesmo arriscando um cenário de recessão.

“A comunicação é um instrumento de política tão ou mais poderoso do que outros, como a taxa de juro”, refere Pedro Brinca, economista e professor universitário, ao NOVO. “Produzir declarações que forneçam qualquer tipo de ambiguidade aos mercados acerca da sua determinação em voltar a trazer a inflação aos 2% seria um ‘tiro no pé’, algo que Christine Lagarde, infelizmente, não percebeu, a julgar por discursos recentes”, acrescenta.

“Ao sinalizar o forte compromisso em conter a inflação na maior economia do mundo, Jerome Powell fez com que ‘as expectativas de inflação fossem revistas em baixa, o que contribui também para que a própria inflação baixe’”, continua Pedro Brinca, traçando paralelos com discursos passados do então presidente do BCE Mario Draghi: “Basta lembrar as palavras de Draghi no verão de 2012 sobre a determinação do BCE em salvar o euro. [...] Bastou o seu discurso

**A inflação portuguesa parece estar a descer, mas a da zona euro continua a subir**

para que os juros das dívidas soberanas começassem a colapsar”.

Na zona euro, o cenário não é tão promissor, mas há indicadores positivos, destaca Luís Aguiar-Conraria, professor universitário e economista.

“Há indicadores, como o PIB, que mostram algum abrandamento: nos EUA houve crescimento negativo em cadeia, em Portugal foi nulo [no segundo trimestre], mas o resto dos indicadores são bons”, afirma, apontando ao desemprego em níveis historicamente baixos e à aparente vitalidade mostrada pelo turismo na época alta do verão. Ainda assim, “é muito provável que haja pelo menos alguma recessão [na zona euro], a não ser que a guerra acabe muito depressa”.

Esta é uma visão com apoio crescente de vários bancos, think-tanks e economistas, que colocam o cenário base para o último trimestre da moeda única numa recessão. Nos EUA, a abordagem mais rápida da Fed, a menor dependência energética da Rússia e uma procura interna mais forte tornam a “aterragem suave” que Powell procura mais possível, mas ainda incerta.

Portugal parece mostrar algum desfasamento no fenómeno da inflação na zona euro, tendo registado leituras consistentemente entre as mais baixas do grupo dos 19 no início da escalada de preços e estando agora verificando descidas em cadeia, ao passo que o indicador voltou a subir na Europa.

A estimativa rápida do INE conhecida esta quarta-feira apontou para 9,0% de variação homóloga em agosto, uma redução em relação aos 9,1% de julho e o segundo mês seguido de reduções em cadeia. Em julho, os preços em Portugal haviam descido, em média, 0,2% em relação a junho, caindo 0,3% no mês seguinte. Em sentido inverso, a leitura flash do Eurostat para agosto mostrou uma subida em cadeia de 0,5%.

“É interessante, também nisso parece que Portugal tem algum azar. A nossa inflação parece estar a descer, mas a da zona euro continua a subir. [...] Podemos ter o BCE a subir taxas de juro e nós a apanhar por tabela”, lamenta Luís Aguiar-Conraria.

Por outro lado, olhando para os dados recentes quanto às contas nacionais no segundo trimestre, a desvalorização do euro face ao dólar parece estar a ter um impacto nas exportações nacionais, o que pode dar algum fôlego ao crescimento do país até ao final do ano.

